MUNDO

Editora: Florência Costa
florencia.costa@brasileconomico.com.br

Pedro Armestre/AFP

A encruzilhada política da Espanha

Altos índices de desemprego e denúncias de corrupção colocam a Espanha em uma encruzilhada política a um ano das eleições

Manifestantes na praça Puerta del Sol, em Madri, em junho, protestavam contra a monarquia, atingida por escândalos de corrupção, após a abdicação do rei Juan Carlos

Nicola Pamplona
nicola.pamplona@brasileconomico.com.br
Madri e Barcelona, Espanha

Pela primeira vez desde que assumiu, o presidente do governo espanhol, Mariano Rajoy, compareceu com números positivos a um encontro de líderes internacionais, a reunião do G20, no fim de semana passado, na Austrália. Mas, se a reversão dos indicadores de crescimento econômico lhe renderam congratulações no evento, a volta para casa lhe trouxe uma difícil realidade: a persistência dos altos índices de desemprego e a explosão de denúncias de corrupção que põem a sua gestão em uma encruzilhada política a um ano das eleições. Para especialistas, a Espanha vive a maior crise institucional desde a redemocratização.

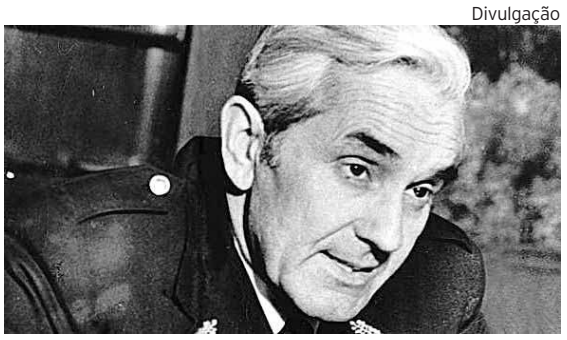
"É muito difícil que a prioridade para os próximos quatro anos não seja a reforma profunda de nossas instituições, uma reconstrução institucional espanhola", diz o diretor do Círculo de Economia de Barcelona, Jordí Alberich Pascual. Os casos quase diários de prisões de políticos corruptos, o aumento da desigualdade social no pós crise, e uma taxa de desemprego de 50% entre os mais jovens têm gerado uma onda de indignação que pode ter grandes consequências políticas. As maiores, e até agora mais visíveis, são o recrudescimento do movimento separatista na Catalunha e o surgimento de um novo partido, o Podemos, que começa a demonstrar força para mexer no tradicional bipartidarismo espanhol.

> Apesar da recuperação do crescimento econômico, a Espanha amarga uma taxa de 23% de desemprego e uma onda de denúncias de corrupção que provoca a maior crise institucional desde a redemocratização

Nascido no meio acadêmico espanhol, o Podemos ganhou logo a adesão dos manifestantes que ocuparam a Puerta del Sol, no centro histórico de Madri para protestar contra as políticas de austeridade. Se tornou nacionalmente conhecido este ano ao eleger cinco eurodeputados, quando ainda não tinha nem status oficial de partido. No último fim de semana, elegeu seu secretário geral, Pablo Iglesias, e deu início à criação de um estatuto.

"O Podemos é, de alguma forma, fruto da crise econômica. Mas é também fruto da crise institucional. Todas as instituições estão saturadas, subjugadas a uma crise, o que alimenta um grande desejo de mudança", avalia Trinidad Jiménez, porta-voz do parti-

Divulgação



DITADURA CHILENA

Condenados algozes de pai de Bachelet

Dois ex-coronéis da Força Aérea do Chile, Edgar Cevallos Jones, 83 anos, e Ramón Cáceres Jorqueda, 80 anos, foram condenados na sexta-feira a dois e três anos de prisão respectivamente por utilizar torturas que causaram a morte na prisão, em 1974, de Alberto Bachelet, pai da presidente chilena Michelle Bachelet. A medida, de primeira instância, foi adotada pelo juiz Mario Carroza . **AFP**

do de oposição, o PSOE. No governo e na oposição, há certa descrença com relação ao potencial de crescimento do partido nas eleições, mas os dois lados veem com algum receio a possibilidade de quebra da estrutura bipartidária vigente desde a retomada da democracia, no fim dos anos 1970.

Na Catalunha, que protesta por contribuir com um volume de impostos maior do que outras regiões, a crise chegou aos tribunais depois que o líder separatista Artur Mas realizou, à revelia do governo central, uma consulta popular a respeito da independência da região. O caso está hoje sendo discutido no âmbito jurídico, com possibilidade de uma representação pelo Ministério Público, em um sinal de que Rajoy não está disposto a negociar. "Quando uma questão política acaba na Justiça, é o fracasso da política", resume Pascual.

Partido mais afetado pelas denúncias de corrupção, o PP conta com a melhora de alguns indicadores macroeconômicos na gestão Rajoy e espera que as taxas de desemprego caiam até o pleito do ano que vem. O país já soma cinco trimestres consecutivos de crescimento, após uma das piores crises econômicas das últimas décadas. O prêmio de risco sobre seus títulos caiu 80% desde o pico, em julho de 2012, quando chegou a 639 pontos básicos. E, este ano, o rating soberano foi elevado pelas três principais agências de classificação de risco. "A Espanha é um exemplo de superação", afirmou Rajoy em seu discurso para os líderes mundiais.

"Uma economia com 23% de desemprego é uma tragédia, não podemos ocultar isso", reconhece o ministro de Indústria, Energia e Turismo, José Manuel Sória. "Mas a taxa vem caindo desde a metade de 2013 e devemos chegar a 2015 com algo em torno de 22%", acrescenta, ressaltando que o país vem tomando medidas para tentar reduzir o custo da energia e reabilitar o setor de construção civil, grande responsável pelos anos de crescimento pré-crise. No curto prazo, porém, a economia da Espanha depende da recuperação dos vizinhos europeus, para onde vai 70% de suas exportações.

Se os indicadores de atividade econômica melhoraram, porém, a dívida espanhola voltou a crescer e hoje se encontra na casa dos 100% do PIB. E a corrupção que envolve todas as esferas de governo no país ampliam a sensação de que só os trabalhadores se sacrificaram em prol da recuperação econômica. "O separatismo da Catalunha reflete um problema da Espanha. O independentismo tem flutuado de acordo com a situação econômica do país. Quando a economia vai mal, ele se amplia", analisa Pascual.

Indignação geral contribuiu para o recrudescimento do movimento separatista na Catalunha e para o fortalecimento do Podemos, partido que mexe com o tradicional bipartidarismo espanhol

"O PP vai perder a eleição", sentencia Trinidad, do PSOE, sem ter tanta certeza, no entanto, de para onde vão os votos dos indignados. O partido levantou a bandeira de uma reforma constitucional, que transforme em direitos os tradicionais programas de proteção social do país, reforme a lei eleitoral, colocando fim ao financiamento privado, e estabeleça um novo pacto federativo — com o objetivo de acomodar os interesses de estados onde há separatistas, como a Catalunha e o País Basco.

O fato, porém, é que os escândalos de corrupção atingiram representantes dos dois partidos e serão um tema de peso no ano eleitoral que se inicia. "A Espanha não é um país corrupto, não nos passa pela cabeça pagar um funcionário público para ter alguma vantagem", diz Pascual. "Por isso, a corrupção vai jogar um papel importante no processo." Além disso, os efeitos das reformas de Rajoy parecem ter batido no teto, segundo analistas.

Para voltar a gerar empregos em massa, o país precisa crescer a uma taxa de 3% ao ano — a previsão para 2014 é de 1,3% e, para 2015, 2%. E isso só será possível se França, Alemanha e Itália reverterem suas próprias crises. "As perspectivas melhoraram, a percepção no exterior melhorou, mas nos últimos meses, quando a Espanha começou a melhorar, a Europa começou a piorar. E dependemos muito da Europa", resume o economista e ex-ministro das Relações Exteriores Miquelino Nadak Segalá.

Andrea Comas/Reuters

O desemprego e as denúncias de corrupção são alguns dos desafios enfrentados pelo presidente Mariano Rajoy

Juan Medina/Reuters

Podemos, partido que desafia as legendas tradicionais, elegeu Pablo Iglesias como seu secretário-geral

Espanha trabalha para recuperar prestígio perdido

Responsável pelo segundo maior volume de investimento estrangeiro no Brasil, a Espanha espera atrair investidores globais para ajudar a vencer a crise econômica que se instaurou no país após 2008. Como atrativo, o país oferece acesso a outros mercados europeus, uma moderna infraestrutura de transportes e baixo custo de mão de obra, resultado do processo de reformas estruturais implantado pelo governo Mariano Rajoy. "Estamos levando a cabo uma política para recuperar o prestígio perdido, a marca Espanha", diz Jesús García Audaz, secretário de Estado para Cooperação Internacional e para a América Latina.

Com o aprofundamento da crise, o país retrocedeu em sua política exterior, focando-se nas soluções internas para resgatar a economia. No novo movimento, um dos objetivos é recuperar as relações com os países latino-americanos e com o Norte da África . "Precisamos de uma relação mais confiável, mais atual, reconhecendo que os países cresceram e que a conversa tem que ser diferente", comenta Audaz. Maior economia da região, acrescenta, o Brasil é um dos focos nesse esforço.

Segundo dados da Invest in Spain, o estoque de investimento espanhol no Brasil soma € 60 bilhões, enquanto o investimento brasileiro na Espanha não passa de € 2 bilhões. Um dos poucos casos de grandes aportes foi a aquisição de uma unidade de cimentos pelo grupo Votorantim, em operação que incluía uma série de negócios ao redor do mundo. O último, a abertura de um centro de distribuição da Alpargatas, para a marca Havaianas.

"A Espanha pode ser a porta de entrada da Europa para empresas brasileiras", diz o secretário. A agência de fomento ao investimento acena com custos trabalhistas de € 20,9 euros por hora, menor do que a média europeia, a maior rede de rodovias e três dos maiores portos de contêineres da Europa. O país aprovou ainda uma série de medidas para agilizar a entrada de investidores, como fast track na obtenção de visto para aqueles dispostos a gastar mais de € 500 mil na aquisição de imóveis e todos aqueles interessados em investimentos produtivos.

Além disso, decidiu enfrentar a resistência dos moradores e incentivar a exploração de petróleo em alto mar nas Ilhas Canárias e em jazidas não convencionais em terra no país. A reforma energética aprovada no ano passado determina que a decisão final sobre aprovação das perfurações é do governo central, derrubando uma série de legislações contrárias em estados e municípios. "Precisamos de fontes de energia barata e temos recebido muitas manifestações de interesse de empresas estrangeiras", afirma o ministro da Indústria, Energia e Comércio, José Manuel Soria.

Divulgação

AVIAÇÃO

Avianca voa mais para Brasília e Salvador

A partir de hoje, a Avianca inicia novos voos saindo do aeroporto de Congonhas (SP) para Brasília, Rio e Salvador, com a concessão de novos slots (horários de pousos e decolagens) pela Anac. Com as novas operações, a Avianca irá operar 100 voos diários no Aeroporto Internacional de Brasília, mais duas frequências no Santos Dumont e 14 voos diários para Salvador. O foco é o mercado corporativo. **Redação**

Abertis em compasso de espera

Companhia espanhola que reúne nove concessões no Brasil aguarda a divulgação das condições da Ponte Rio-Niterói antes de se lançar em novas concorrências no país

Nicola Pamplona
nicola.pamplona@brasileconomico.com.br
Barcelona, Espanha

Em fase final de conclusão de seu programa de reestruturação global, a empresa espanhola de concessões Abertis diz que sua prioridade no Brasil é cumprir os compromissos de investimento assumidos em suas concessões de rodovias no país, que passaram por atrasos quando eram controladas pela conterrânea OHL. A companhia segue avaliando oportunidades de crescimento, mas acredita que precisa passar uma mensagem de "boas intenções" ao governo brasileiro. "É certo quem se surgirem oportunidades, vamos avaliar, mas nosso esforço é para cumprir as obrigações", diz o diretor de relações com investidores da Abertis, Steven Fernandez.

A empresa lançou este mês seu plano estratégico 2015-2017, no qual prevê economia de € 450 milhões com eficiência das operações e um trabalho para renovar concessões ao redor do mundo, além da separação definitiva entre as atividades de rodovias e gestão de infraestrutura de comunicações, que devem ter ações lançadas em bolsa de valores no ano que vem. Nos últimos três anos, dedicou-se a vender ativos em áreas que deixaram de ser foco, como estacionamentos, logística e aeroportos, arrecadando um total de € 4,4 bilhões.

Divulgação

A mudança de foco se deu em 2011, quando a direção da companhia percebeu que não teria recursos suficientes para tocar todas as operações sem comprometer os indicadores financeiros. Com a venda de ativos em outras áreas, obteve recursos para entrar no mercado brasileiro, com a compra da Arteris (ex-OHL Brasil), paga parte em dinheiro e parte em ações. Com a aquisição, passou a controlar nove concessões rodoviárias no país. Algumas delas, concessões federais licitadas pelo governo Luiz Inácio Lula da Silva, com atrasos no cronograma de obras.

"Estamos comprometidos com os investimentos sem pedir alta de tarifas além da inflação prevista em contrato", afirma Fernandez, acrescentando que o orçamento para as concessões brasileiras soma R$ 6,2 bilhões até o fim dos contratos de concessão. A política de boas relações — a OHL chegou a pedir revisão das tarifas antes de ser adquirida — contribui para uma das metas da companhia em seu plano estratégico, que é trabalhar pela renovação de concessões que estão em sua carteira.

A empresa chegou a analisar o último pacote de concessões rodoviárias licitado pelo governo no ano passado, mas avalia que as tarifas oferecidas não garantiam o retorno adequado. A companhia avalia que a Ponte Rio-Niterói, provavelmente a próxima concessão a ser licitada pelo governo, é um bom ativo, mas só deve ser avaliado depois que as condições forem divulgadas.

O Brasil representa hoje 16% do Ebitda da Abertis, que está presente em 12 países. Para a empresa, o momento econômico não é um impeditivo para novos negócios. "Confiamos no Brasil. O que estamos vendo hoje é conjuntural e não temos dúvidas de que vai mudar no longo prazo", comenta o diretor de relações com investidores da companhia. Seu foco atualmente está em quatro países: Espanha, França, Brasil e Chile, por ordem de importância na receita global.

> *"Estamos comprometidos com os investimentos. Confiamos no Brasil. O que estamos vendo hoje é conjuntural e não temos dúvidas de que vai mudar no longo prazo"*
> **Steven Fernandez**
> Diretor de RI da Abertis

No negócio de operação de infraestrutura de telecomunicações, tocado por meio da subsidiária Abertis Torres de Telecomunicações, Fernandez vê dificuldades em entrar no mercado brasileiro, dada a presença agressiva de companhias americanas. A empresa já gere torres da Telefônica na Espanha e da TIM na Itália, além de outros países, e acredita que as duas empresas oferecerão oportunidades também no Brasil, mas a forte competição prejudica as margens de lucro no segmento.

"As últimas operações que analisamos não cumpriam nossos requisitos de lucros", contou Fernandez. O lançamento de uma participação minoritária da ATT em bolsa de valores tem por objetivo levantar capital para a expansão neste segmento sem prejudicar as operações de concessões rodoviárias, setor em que a empresa trabalha para expandir também para os Estados Unidos e a Austrália. Com uma receita global prevista para este ano de € 5 bilhões, a empresa atua ainda no segmento de satélites, por meio da Hispasat.

NÚMEROS

R$ 6,2 bilhões

É o orçamento que as concessões brasileiras somam até o fim dos contratos.

16%

É o percentual do Ebitda do Brasil na Abertis, companhia que está presente em 12 países.

EMPRESAS

Editora: Flavia Galembeck
flaviag@brasileconomico.com.br

CHIPS

Qualcomm reduz previsão de crescimento

A fabricante de chips Qualcomm reduziu sua perspectiva para os próximos cinco anos , com expectativa de alta na receita entre 8% e 10%, enquanto enfrenta investigações antitruste na China, e mais clientes chineses e em outros países em desenvolvimento compram smartphones mais baratos. No ano passado, essa expectativa de alta era de dois dígitos. **Reuters**

Na esteira das obras de infraestrutura

A espanhola de tecnologia da informação Indra enxerga nos grandes projetos do país sua receita para o crescimento na região

Nicola Pamplona
nicola.pamplona@brasileconomico.com.br
Madri, Espanha

O presidente da companhia para a América, Emilio Díaz

Murillo Constantino

Vencedora de dois contratos para implantar sistemas de controle de tráfego em portos brasileiros, a empresa espanhola de tecnologia da informação Indra vê na demanda brasileira por infraestrutura uma de suas principais oportunidades de crescimento global para os próximos anos. A companhia tem hoje dois importantes projetos em implantação na área de transportes no país e espera que o avanço do projeto de investimentos ferroviários seja mais um fator para alavancar os negócios.

"O Brasil pode ter problemas nos próximos dois anos, mas vai precisar de investimentos em tecnologia para crescer", diz o presidente da companhia para a América, Emilio Díaz.

Os contratos com os portos de Santos e Vitória foram assinados na última segunda-feira e preveem a instalação do Sistema de Informações para o Gerenciamento de Tráfego de Navios (VTMIS, na sigla em inglês), que têm por objetivo reduzir o tempo de espera para atracação nos terminais. Os contratos, de R$ 54 milhões, fazem parte de um programa do governo federal para modernizar a gestão dos portos brasileiros. O próximo a contratar deve ser o porto do Rio, informou Díaz, adiantando que a companhia participará dessa nova licitação.

Com 40% de sua receita nas Américas provenientes do Brasil, a Indra inicia este ano a implantação de sistemas de radares em 4 aeroportos brasileiros

Com 40% de sua receita nas Américas provenientes do Brasil, a Indra inicia também este ano a implantação de sistemas de radares em quatro aeroportos brasileiros. O objetivo, mais uma vez, é gerenciar o tráfego, reduzindo os espaços entre os slots de pouso e decolagem. "Temos registrado crescimento de dois dígitos em nossas operações brasileiras nos últimos anos e acreditamos que os investimentos em infraestrutura vão continuar gerando oportunidades", comenta o executivo.

O próximo alvo é a licitação para o projeto de vigilância da Amazônia Azul, tocado pelas Forças Armadas, que prevê o monitoramento da costa brasileira. Díaz informou que a Indra já fechou parceria com uma empresa local para participar da concorrência. Em sua sede em Madri, a empresa exibe modelos de sistemas de vigilância desenvolvidos para as Forças Armadas da Espanha e hoje em operação em outros países.

NÚMEROS

40%

É a participação do Brasil nas receitas da unidade das Américas da Indra. Com faturamento de R$ 9,6 bilhões em 2013, a empresa tem nas Américas a fonte de um terço de seus ganhos.

R$ 54 mi

Valor dos contratos assinados para a implantação de sistemas de gestão de tráfego de navios nos portos de Santos e Vitória.

O grande salto, porém, é esperado com o programa de investimentos em ferrovias, hoje travado por divergências quanto às regras. A Indra é fornecedora da malha ferroviária francesa e tem como carro-chefe de suas operações o controle do trem-bala que liga Madri a Barcelona. "Creio que temos muito a contribuir com o projeto do trem-bala Rio-São Paulo", afirma Díaz, demonstrando otimismo com um investimento que nem mesmo os brasileiros acreditam.

A visão da companhia é que o atual momento de crise econômica representa um ciclo, que se reverterá em dois ou três anos, permitindo a retomada do ritmo de negócios no país. "Todos os negócios têm ciclos. A América vai parar um pouco, depois de quatro ou cinco anos de muito crescimento. Mas vai retomar", aposta, citando a diversificação geográfica como uma das vantagens da companhia para sobreviver aos ciclos. Atualmente, 39% da receita vêm da Espanha, 28% das Américas e 20% do resto da Europa. Ásia e África são responsáveis pelo restante.

Para o executivo, o maior desafio brasileiro está na formação de novos engenheiros. "O Brasil tem bons profissionais, mas são poucos. E está fazendo grandes obras de infraestrutura, o que torna mais difícil encontrar os bons", afirma, acrescentando que os trâmites para a contratação de engenheiros estrangeiros, ainda que tenham melhorado, são complexos. "Uma das viradas que o Brasil tem que fazer é colocar estudantes no ramo da engenharia. Ou abrir a possibilidade de contratação de estrangeiros", propõe.

Além das áreas de segurança e transporte a Indra atua no desenvolvimento de sistemas bancários, telecomunicações e saúde — na qual tem um projeto-piloto com o governo do Acre para unificar as informações de atendimentos em hospitais públicos. A companhia tem hoje 43 mil empregados e uma receita global de R$ 9,6 bilhões.

FOLHA DE S.PAULO

Espanha aposta no Brasil para crescer

Investimentos espanhóis só perdem para os americanos no país; governo quer agora atrair empresas brasileiras

Em cinco anos de crise, total de exportadoras dobrou no país; injeção de recursos no Brasil no período somou R$ 30 bi

ESTELITA HASS CARAZAI ENVIADA ESPECIAL À ESPANHA

Depois de anos numa profunda crise econômica, a Espanha dá os primeiros sinais de recuperação --e aposta em negócios com o Brasil para ajudá-la a ampliar mercado, empregos e investimentos.

O Brasil já é o principal mercado para algumas empresas espanholas, como Telefónica, Santander e Indra. Agora, os 195 milhões de consumidores em potencial do país são uma das apostas da Espanha para crescer, já que o mercado interno minguou nos anos de crise.

O governo quer estimular a internacionalização de pequenas e médias empresas, além do fluxo contrário: o investimento de brasileiros na Espanha, que serviria como porta de entrada para o mercado europeu.

No trimestre passado, o país cresceu 0,5% --a quinta alta seguida. São os primeiros sinais de recuperação, depois de cinco anos em recessão.

Além de duras reformas fiscais e trabalhistas, que diminuíram salários e cortaram benefícios sociais, as exportações foram o motor de arranque da economia.

Hoje, a Espanha tem o dobro de empresas exportadoras do que há cinco anos. Em 2013, foi o segundo país que mais ampliou suas exportações, atrás apenas da China.

"Ou as empresas fechavam ou vendiam para fora", diz José María Blasco, diretor do programa de atração de investimentos do governo espanhol. O país diversificou seu mercado: se antes a União Europeia recebia 80% das mercadorias espanholas, hoje fica com 60%.

Caso o projeto dê os frutos esperados, a previsão agora é que a economia cresça 1,3% neste ano e 2% em 2015.

EL DORADO

O Brasil é um dos mercados mais cobiçados. A Espanha é o segundo maior investidor estrangeiro no país, atrás apenas dos EUA.

Nos últimos cinco anos, quase ¬ 10 bilhões (ou R$ 30 bilhões) foram investidos por espanhóis no Brasil.

Nem mesmo o frustrante desempenho da economia brasileira nos últimos tempos

afugenta os espanhóis. "O Brasil é uma grande potência de projeção global", diz Pablo Bustinza, diretor para Iberoamérica do Ministério de Assuntos Exteriores. "O potencial continua enorme."

Na gigante Telefônica, com sede em Madri, costuma-se dizer que a América Latina (e o Brasil em especial) é responsável por "50% das receitas, 60% dos clientes e 100% do futuro" da empresa.

A expectativa é que os investimentos espanhóis no Brasil continuem elevados nos próximos anos.

Um deles é a Abertis, empresa que administra rodovias pedagiadas no Brasil. A previsão dela é aplicar R$ 1,4 bilhão no país somente neste ano e R$ 6,2 bilhões até o fim de suas concessões.

Na contramão, o Brasil ainda investe pouco, na avaliação dos espanhóis: foram ¬ 2,6 bilhões nos últimos cinco anos --pouco mais de um quarto do fluxo contrário.

Empresários espanhóis dizem que esse montante é "nada", considerado o potencial.

O governo defende que a Espanha pode ser uma base de operações para o mercado europeu. Tem boa infraestrutura, aeroportos e rodovias estruturados e próximos dos grandes centros, baixo custo e mão de obra barata.

A repórter **ESTELITA HASS CARAZZAI** viajou a convite da Fundação Conselho Espanha-Brasil

---

Endereço da página:

http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/197881-espanha-aposta-no-brasil-para-crescer.shtml

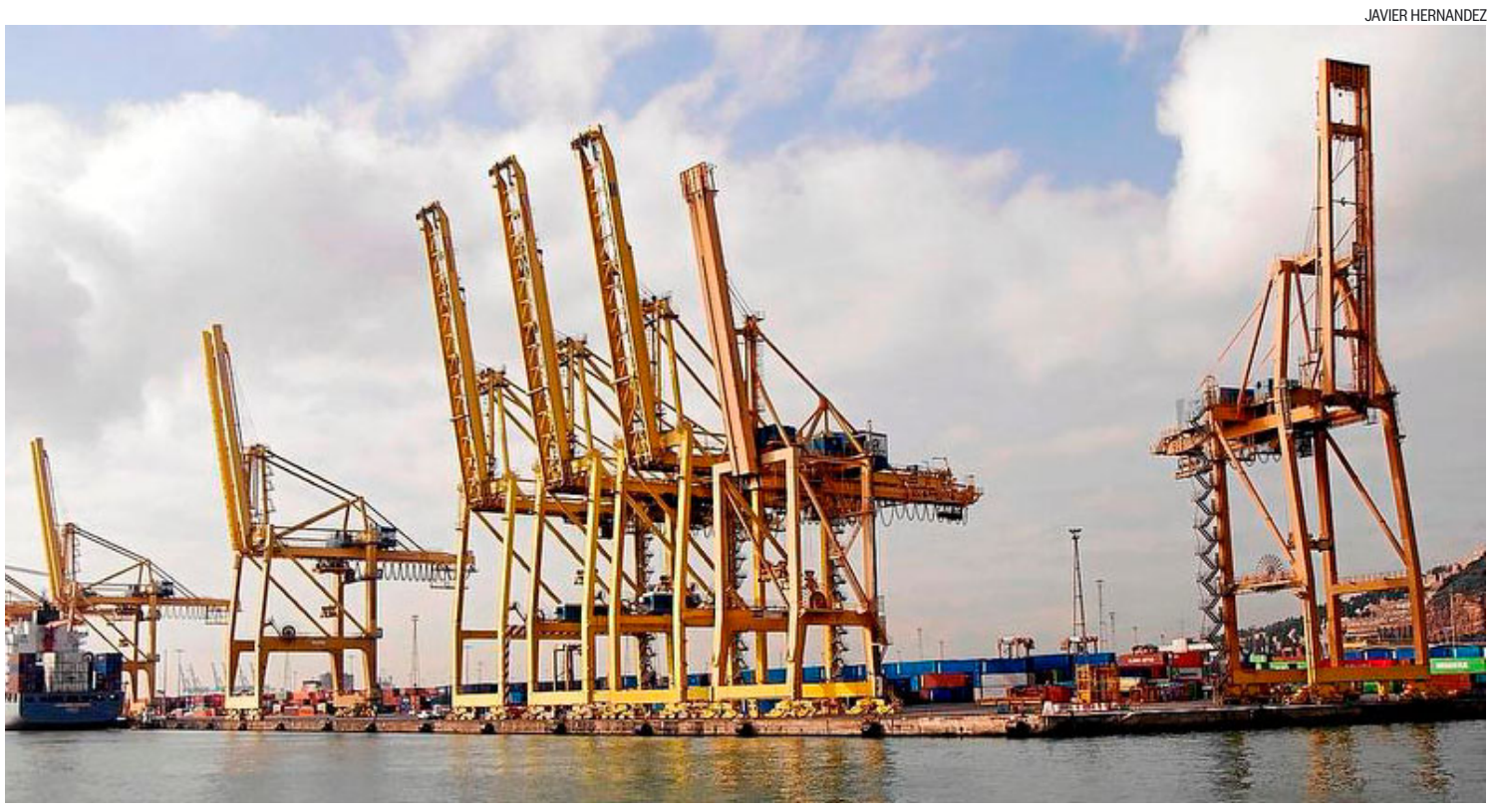
---

Copyright Folha de S. Paulo. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicaçao, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Folha de S. Paulo.

Espanha quer ampliar parcerias com o Brasil

De gestão em hospitais a rodovias e portos, empresas espanholas avançam, mas criticam entraves

JAVIER HERNANDEZ



Porto de Barcelona. Totalmente automatizado, opera sem filas. Também é referência em gestão e exporta boas práticas para terminais de vários países

REGINA ALVAREZ*
regina.alvarez@bsb.oglobo.com.br

-BARCELONA E MADRI- Soluções tecnológicas para melhorar a gestão em hospitais públicos, portos, aeroportos e rodovias. Sistemas sofisticados para a vigilância da Amazônia, para a prevenção de incêndios em áreas de florestas e para a defesa aérea. O cardápio que grandes empresas espanholas oferecem ao Brasil é variado. A economia em marcha lenta e a perspectiva de ajuste fiscal nos próximos dois anos não reduziram o apetite de multinacionais como a Indra, uma das maiores de consultoria e tecnologia da Europa, que já tem uma base forte e diversificada de negócios no país e planeja ampliá-la.

O desejo de estreitar relações com o Brasil também é manifestado por setores do governo espanhol, que ainda enxergam a possibilidade de incentivar o caminho inverso, atraindo empresas brasileiras. Mas a imagem do Brasil na Espanha é a de um país complexo, com entraves e burocracia que dificultam os investimentos.

— O Brasil é um país muito atraente para investimentos estrangeiros. Metade dos investimentos espanhóis na América Latina está no Brasil, mas o que nos dizem é que, para pequenas e médias empresas, o custo é muito grande. É um país complexo com administração complexa e sistemas estaduais diferentes — avalia Jesús Gracia Aldaz, secretário de Cooperação Internacional para a Ibero-América do Ministério das Relações Exteriores da Espanha.

FALTA MÃO DE OBRA QUALIFICADA

Os executivos da Indra reclamam de entraves para a contratação de mão de obra. A empresa tem hoje oito mil profissionais atuando no Brasil e, para crescer, precisa de mão de obra qualificada, que não encontra no país e tem dificuldade de importar profissionais.

— A mão de obra qualificada é muito boa, mas é pouca. Precisamos de mais engenheiros e é difícil conseguir. O processo é burocrático, muitas vezes a titulação (dos estrangeiros) não é reconhecida. Um dos principais problemas que temos é com o *staff* — diz Emílio Diaz, presidente da Indra para as Américas.

A Indra já tem presença forte no país com serviços e soluções para vários setores: defesa, controle de tráfego aéreo, gestão inteligente do tráfego de rodovias, sistemas e plataformas de TI para instituições financeiras, entre outros, mas demonstra fôlego e disposição para ampliar seus negócios. Recentemente, a empresa fechou contratos no valor de R$ 54 milhões com as companhias de Docas de São Paulo e do Espírito Santo para implantação de sistemas inteligentes de controle de tráfego de embarcações. E está participando da concorrência para implantar os mesmos serviços no Porto do Rio.

> “É um país complexo com administração complexa e sistemas estaduais diferentes”
>
> **Jesús Gracia Aldaz**
> Secretário de Cooperação Internacional para a Ibero-América do Ministério das Relações Exteriores da Espanha

Outro filão identificado pela multinacional espanhola no Brasil é o desenvolvimento de soluções para melhorar o atendimento nos hospitais públicos. Foi contratada pelos governos do Acre e de Alagoas para desenvolver um sistema que agiliza as consultas e permite ao médico acessar o histórico do paciente. E planeja oferecer esse modelo de gestão aos hospitais públicos do Rio e de São Paulo.

— Vamos continuar apostando no Brasil. Faz parte da estratégia central da empresa. A percepção é que o país precisa de tecnologia e vai continuar crescendo. Só vai ficar um pouco mais caro, porque os juros estão subindo — afirma Diaz.

Outra gigante espanhola com negócios no país e planos para expandi-los é a Abertis, que atua na gestão de rodovias em cinco estados, por meio da Arteris. A empresa já tem investimentos previstos de R$ 6,2 bilhões, mas planeja novos negócios. Nos planos imediatos estão a concessão da ponte Rio-Niterói e oportunidades em torres de telecomunicações. Os executivos da empresa não demonstram preocupação com a conjuntura econômica, mas também reclamam da burocracia e da complexidade para atuar no país.

Esse mesmo interesse em desenvolver projetos e ampliar as parcerias com o Brasil é manifestado pela administração do Porto de Barcelona. Totalmente automatizado e operando sem filas, o porto é referência em gestão e exporta boas práticas. Manuel Galán, responsável pela área de promoção, informa que já existem acordos de cooperação com os portos de Santos (SP), Vitória (ES) e Imbituba (SC) para melhorar a gestão, mas o potencial no país é bem maior:

— Em relação aos portos, o Brasil está em um estágio de desenvolvimento que a Espanha estava há 15, 20 anos atrás.

REFERÊNCIA MUNDIAL

A Secretaria dos Portos, responsável pela formulação de políticas e diretrizes para o setor, confirma o interesse nas parcerias com o Porto de Barcelona e destaca que a Zona de Apoio Logístico (ZAL), por exemplo, é uma referência mundial que deverá servir de exemplo em áreas semelhantes no Brasil. Outro programa de interesse desenvolvido pelo Porto de Barcelona é o Programa de Garantia de Qualidade.

A Espanha vive um momento de recuperação econômica, após passar por um forte ajuste fiscal e reformas nas áreas trabalhista e financeira para fazer frente aos desafios da crise mundial de 2008. O país voltou a crescer, depois de cinco trimestres consecutivos de queda do Produto Interno Bruto (PIB), e a expectativa é de expansão da economia de 1,3% em 2014 e de 2% em 2015, mas ainda não conseguiu resolver um de seus principais problemas: a taxa de desemprego de 23%, a mais alta da Europa.

O governo do presidente Mariano Rajoy, do Partido Popular (PP), está desgastado com denúncias de corrupção e há forte insatisfação da população com as medidas de ajuste e o desemprego alto. O aumento das exportações, a internacionalização de empresas espanholas e a atração de investimentos são vistos como caminho para turbinar a economia e recuperar a popularidade. Nesse contexto, o Brasil é considerado estratégico.

Segundo maior investidor estrangeiro no Brasil, a Espanha tem estoque de investimentos de € 71 bilhões. Já os investimentos brasileiros no país são de € 8,8 bilhões, se consideradas as sociedades *holdings*, diz a agência de promoção de exportações e investimentos da Espanha (Icex). ●

**A repórter viajou a convite da Fundação Conselho Espanha Brasil*

ECOS DA CRISE

Piketty alerta Escandinávia sobre desigualdade

Entre os mais igualitários do mundo, países vêm reduzindo impostos para aumentar competitividade da economia

DA BLOOMBERG NEWS
-OSLO-

Thomas Piketty, o economista francês de 43 anos cujo livro sobre a desigualdade, “O capital no século XXI”, tornou-se um dos maiores *best-sellers* deste ano, fez um apelo aos governos da Escandinávia para que reavaliam seus planos de aumentar a competitividade por meio de cortes de impostos.

— A forte concorrência para atrair investimentos pode ser bastante prejudicial a longo prazo — afirmou Piketty. — Em última instância, isso é destrutivo para o tecido social como um todo.

Ele fez essas observações depois de uma palestra realizada em Oslo, na qual aproveitou para questionar a decisão do governo norueguês de suspender o imposto sobre heranças este ano. O economista afirmou que políticas desse tipo, além de não se basearem na meritocracia, distorcem dados estatísticos e turvam o debate democrático sobre a desigualdade.

Suécia, Noruega, Dinamarca e Finlândia, após a Segunda Guerra Mundial, impuseram os mais elevados impostos do mundo, de forma a construir uma generosa rede de bem-estar social. Os quatro países estão entre os mais igualitários do mundo, segundo estudo da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) publicado este mês.

Mas dados da Eurostat, a agência de estatísticas da União Europeia, apontam que a maior alta da desigualdade durante a crise financeira ocorreu na Dinamarca, que recentemente reduziu seus impostos.

A Noruega, por sua vez, suspendeu o imposto sobre heranças, com o objetivo de simplificar seu regime fiscal. E a Finlândia reduziu os impostos corporativos de 24,5% para 20%, a fim de impulsionar o crescimento da economia.

— São medidas de longo prazo, então não mudarão o tecido social em um dia — disse Piketty. — Mas é preciso ter cautela.

Ele ainda chamou França e Alemanha de “egoístas” por deixarem os países do Sul da Europa arcarem com elevados custos de financiamento. Segundo Piketty, a Itália, por exemplo, gasta mais com os juros da dívida que com educação. ●

ED CALCOCK/“THE NEW YORK TIMES”/11-4-2014

Cautela. O economista Thomas Piketty: corte de impostos pode afetar igualdade

Shopping Matriz, a nº 1 em móveis de escritório com design e modernidade para pessoas de bom gosto.

SHOPPING MATRIZ 34 anos
www.shoppingmatriz.com.br

Veja hoje neste jornal nosso encarte com as melhores ofertas em móveis de escritório.

Av. Armando Lombardi, 301
(Entre o Porcão e o La Mole, com estacionamento)

hp
acesse www.Kalunga.com +130 lojas
SÃO JOÃO DO MERITI (SHOPPING GRANDE RIO) Estrada Antonio Sendas, 111
SHOPPING VIA PARQUE Av. Ayrton Senna, 3.000

brother
acesse www.Kalunga.com +130 lojas
BANGU SHOPPING Rua Fonseca, 240
SHOPPING METROPOLITANO BARRA Av. Embaixador Abelardo Bueno, 1.300
CASCADURA Av. Dom Helder Camara, 9.783